

para acima de tudo se absorver nas funções de cooperativismo e socorros mútuos; para se tornar emfim elementos conservadores na sociedade.

Pôsto isto, parece-me claro que o movimento sindicalista não pode substituir o anarquismo, e que só pode servir como meio de educação e de preparação revolucionária se for accionado pelo impulso, acção e crítica anarquistas.

Os anarquistas devem, pois, abster-se de se identificar com o movimento sindical e de considerar como fim o que não passa de um dos meios de propaganda e acção que elles podem utilizar. Devem permanecer nos sindicatos como elementos propulsores e lutar para os tornar o mais possível instrumentos de combate com mira na Revolução Social. Devem trabalhar para desenvolver nos sindicatos tudo o que pode aumentar a sua influencia educativa e a sua combatividade, — a propaganda de ideas, a greve enérgica, o espirito de proselitismo, a falta de confiança nas autoridades e nos políticos, a prática da solidariedade para com os individuos e grupos em conflito com os amos. Devem combater tudo o que tende a torná-los egoistas, pacíficos, conservadores — o orgulho profissional e o estreito espirito corporativo, as cotas pesadas e a acumulação de capital empadado, a instituição de lucros e de seguros, a confiança nos bons officios do Estado, a boa camaradagem com os amos, a nomeação de funcionários pagos e permanentes.

Nestas condições, a participação dos anarquistas no movimento operário dará bons resultados, mas é sómente nestas condições.

Esta tática parecerá às vezes, e até pode ser com efeito, nociva aos interesses immediatos de alguns grupos; mas isso não importa quando se trata da causa anarquista, — quer dizer, dos interesses gerais e permanentes da humanidade. Nós desejamos certamente, enquanto esperamos pela revolução, arrancar aos governos e aos patrões a maior soma possível de liberdade e bem-estar; mas não queremos comprometer o futuro em troca de algumas vantagens momentâneas, que para mais

são amiude illusórias ou ganhas à custa de outros trabalhadores.

Acautelemo-nos. O êrro de ter abandonado o movimento operário fez um mal imenso ao anarquismo, mas pelo menos deixou-lhe inalterado o carácter distintivo.

O êrro de confundir o movimento anarquista com o corporativismo seria ainda mais grave. Suceder-nos-ia o que sucedeu aos sociais-democratas logo que entraram na acção parlamentar: ganharam em força numerica, mas tornando-se cada vez menos socialistas. Nós também nos tornaríamos mais numerosos, mais deixaríamos de ser anarquistas.

(Novembro de 1907).

Errico MALATESTA.

CRISTIANISMO. CATOLICIDADE . . .

Amai os vossos inimigos.

(SERMÕES DA MONTANHIA).

Não se trata de qualquer minoria internacionalista ainda impotente, mas duma Igreja secular, rica e poderosa, que diz dominar milhões de almas em nome do Cristo de paz e amor.

O seu chefe, vendo os seus filhos dilacerarem-se mutuamente, não pôde fazer mais do que succumbir. E o successor refugiou-se numa neutralidade incapaz, que elle explicou pobremente, terrenamente, a um jornalista católico de França. A Itália estava ainda fora da contenda.

Bento XV recusou tomar partido na contenda europeia, negou-se a condemnar categoricamente os processos teutónicos de guerra, alegando que barbaridades todos os beligerantes as teem cometido e servindo-se por vezes de subterfúgios verdadeiramente desastrosos. Assim, tendo-lhe o jornalista observado que o Vaticano não protestara contra a violação da neutralidade belga, o chefe supremo do catolicismo livrou a sua responsabilidade pessoal, em vez de dar a sua opinião própria: «Isso foi sob o pontificado de Pio X».

Sim: o pontífice romano tem humanamente razão, afirmando que a guerra é a guerra e que lhe são inerentes as atrocidades.

Mas, nesse caso, ¿porque não procurou o papa obstar à carnificina? ¿Por que razão a Igreja, servindo-se da autoridade que pretende ter entre as massas católicas, não fulminou de excomunhão os príncipes, os financeiros, os políticos, os diplomatas, os militares e os industriais da guerra, que tivessem promovido ou viessem a promover a grande chacina internacional?

¿Porque não bradou imperiosamente aos súbditos, seus fiéis, o preceito divino do «Não matarás!», cominando as penas espirituais mais severas e irremediáveis para o caso de desobediência a essa lei suprema?

Se as barbaridades são de todos, todos devem ser condenados, sem demora, nem complacências, nem subterfúgios.

Bento XV deseja, porém, estar de bem com todos, agradar a Deus e ao Diabo, e é o primeiro a desconfiar da eficácia das suas armas canônicas e dos seus raios de Júpiter decrépito. «Não seria conveniente nem útil, disse êle, comprometer a autoridade pontifical nos litígios mesmos dos beligerantes».

A sua autoridade divina é assaz frágil e melindrosa. A sua infalibilidade está sujeita a quebras. É preciso poupá-la, alisar-lhe o caminho, eleger-lhe as oportunidades. Deus todo-poderoso não se responsabiliza pelo mau uso daquele instrumento delicado. O Espírito Santo não sopra a sua inspiração senão em ocasiões propícias, cuidadosamente escolhidas, com jeito humano e muito tino político. É preciso seguir com os olhos o catavento e o barómetro, exactamente como para organizar preces e procissões *ad petendam pluviam*.

Em suma, o papa não é o representante legítimo e supremo de Deus omnipotente, cujas leis absolutas urge cumprir e fazer cumprir tam pronta e inteiramente como nelas se contém. É um chefe político como qualquer outro.

A sua postura, os seus gestos, as suas palavras, as suas reticências, os seus pretextos, as suas escapatórias,

as suas evasivas, as suas desculpas — tudo isso é dum rei qualquer e de qualquer diplomata.

A sua neutralidade é uma coisa cozinha e terrena, manhosa e sorna, a manobrar e a contemporizar. Bento XV, falando do seu neutralismo relativamente à Itália, dava ainda *pro forma* o divino motivo fundamental: é representante de Deus e Deus quer a paz, embora, como qualquer humano pacifista de água doce, não a saiba ou não a queira impor. Mas a êsse motivo de ordem celeste acrescentava logo sólidas razões terrestres. É que «nós estamos na Itália e queremos poupar a êste país, que amamos, os sofrimentos da guerra» — os quais, sendo fora de Itália, não fazem sangrar tanto o coração italiano do chefe duma Igreja que se diz «católica».

Após a razão transcendente e a razão sentimental, vinham as razões materiais, a mais succulenta no fim — como no *post-scriptum* das cartas o seu objectivo verdadeiro. «Enfim, não devemos ocultar que pensámos também nos interesses da Santa Sé, os quais são postos em perigo pelo estado de guerra».

Mas há mais. «Necessito garantir a segurança material da minha pessoa. Ora, mobilizaram vinte dos meus guardas, vários oficiais, empregados que não me será fácil substituir, guardas nobres. Tememos ver-nos expostos às incertezas da vida pública na Itália. Roma é um foco em perpétua fermentação. ¿Direis que era absurdo recear, nestes últimos dias, uma jornada revolucionaria? ¿Que será o dia de amanhã? Todos os movimentos dêste povo, o mais volúvel da Terra, teem o seu contra-golpe aqui. E sentimo-nos hoje menos protegidos. ¿Compreendeis agora os motivos por que nos opúnhamos com tôdas as nossas fôrças à ruptura da neutralidade italiana?»

Mas sem dúvida! Nós também compreendemos às mil maravilhas e folgamos intimamente com a franqueza, tôda familiar, do magno sacerdote. Esses motivos são humanos, demasiadamente humanos mesmo. Apresentando-os, o representante da divindade reguladora dos mundos desce até nós em tôda a sua nudez adamítica, todo

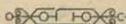
feito de barro estreme, sem parra nem tiara, mãos limpas de coriscos fulminadores. *Ecce homo!*

E é este pobre homem, lamentável na sua modesta humanidade comum, que nos promete para depois da guerra, acalmados os ânimos e passado o risco de desagrado, uma encíclica solene, um sílabo, recordando — depois do burro morto... — as doutrinas da Igreja e condenando as atrocidades!

O catolicismo debate-se num mar de contradições espantosas, que os sofistas procuram remediar. Assim os católicos franceses sustentam que não falta ao mandamento divino quem combate pela França — pelo Direito, pela Justiça, pelos atacados... ¿E então os católicos austro-alemães? Esses dizem naturalmente a mesma coisa. E o papa, que é pai de todos, não sabe como salvar a sua infalibilidade e a sua autoridade divina. E a sua pessoa e bens.

Ó miséria das coisas humanas!...

Neno Vasco.



Alcoolismo e Tuberculose

Eis os mais perigosos inimigos do homem: caminham juntos e na maioria de casos de camaradagem com a Sífilis.

As suas causas primárias perdem-se na nobulose dos tempos; emergem talvez no despertar dos egoismos humanos,

Desde o momento em que o homem dominou o homem e criou a escravidão que, sob diversas formas tem acompanhado as gerações através dos séculos e os dividiu em castas, e se estabeleceu essa luta tremenda entre *o teu e o meu*, nesse momento devem necessariamente ter tido o seu início aqueles factores que tanto tem contribuído para a degenerescência da espécie humana.

Estabelecida, como consequência, a desigualdade de condições económicas a que correspondeu necessariamente uma desigualdade de aspirações e de-

sejos, segundo os meios sociais e outros em que cada indivíduo ou classe se desenvolvia, fácil foi às classes preponderantes limitar ao mínimo, conforme as suas ambições o desenvolvimento da mentalidade das castas exploradas e criar-lhes conflitos permanentes de modo a evitar entre elas entendimentos duradouros que muito bem poderiam pôr em jogo a preponderancia das castas exploradoras.

Assim, o indivíduo, relegado para um ambiente vicioso, defrontando-se constantemente com estímulos defeituosos, a sua mentalidade grava os vícios e os defeitos do meio em que se desenvolve, retardando, apesar dos impulsos de regeneração estranha, a marcha no campo educativo.

A tuberculose e o alcoolismo tanto se desenvolve no rico como no pobre, dizem muitos, e assim é, mas o que nem todos querem ver é a diferenciação das condições em que esses fenômenos se dão. Os ricos, abusando da sua riqueza, encontram na devassidão e nas orgias de toda a ordem, que para eles representa um goso, a causa de futuros sofrimentos; e o pobre lutando pela vida, num excesso de trabalho e minguado na alimentação, reduzida quasi sempre a uma deficiência aterradora, vê-se lentamente apanhado pelo espectro implacável da tuberculose.

É evidente, portanto, que a causas diversas correspondem efeitos semelhantes.

É pois necessário que todos, aceitando como verdade o paradoxo da riqueza e da miséria, como causa de iguais fenômenos sociais, se resolvam a trabalhar para organizar em moldes igualitários esta sociedade que se aniquila lentamente.

A luta entre os que tem e os que não tem, deve partir do campo instrutivo e educativo, pois entendemos que as verdadeiras revoluções se não tiverem por base a instrução e a educação, quaisquer benefícios que delas resultem não são duradouros.

Cada homem deve conhecer o caminho que tem a seguir, sem necessidade de guias que tantas vezes lhes são mais prejudiciais que úteis.

Ismaelita.